

AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL (1987-2017): UM MAPEAMENTO INICIAL

THE ACADEMIC PRODUCTIONS ON THE TEACHING OF HISTORY IN BRAZIL (1987-2017): AN INITIAL MAPPING

Dennis Rodrigo Damasceno Fernandes¹

Resumo: Neste texto apresentam-se resultados parciais de uma pesquisa sobre a História do ensino de História no Brasil (1987-2017), que objetiva colaborar para a produção de uma História do ensino de História no Brasil, e teve como marco temporal inicial o fim da Ditadura Civil Militar (1964-1985). Esta pesquisa pautou-se na recuperação, reunião, seleção e análise de dissertações e teses que tratam sobre o ensino de História, produzidas em Programas de Pós-Graduação em História e em Educação, publicadas no período entre 1987 e 2017. A busca pelas fontes documentais ocorreu no catálogo digital de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e os critérios de seleção das teses e dissertações foram o estudo dos títulos, resumos e palavras-chaves. Com estes critérios localizou-se 14 teses e 140 dissertações nos programas em História e 132 teses e 370 dissertações, nos Programas em Educação, formando um conjunto de 656 textos acadêmicos sobre o ensino de história no Brasil. A partir dos dados é possível observar que este é um tema mais amplamente vinculado às pesquisas na área de Educação e que há pelo menos seis categorias de análise em que esses estudos vêm sendo desenvolvidos no Brasil.

Palavras-chave: História do ensino de História, Pós-graduação, Pesquisa Histórica, Estado da Arte.

Abstract: This paper presents partial results of a research on the History of History teaching in Brazil (1987-2017), which aims to contribute to the production of a History of History teaching in Brazil, and had as its initial time frame the end of Military Civil Dictatorship (1964-1985). This research was based on the recovery, meeting, selection and analysis of dissertations and theses dealing with the teaching of History, produced in Post-Graduate Programs in History and Education, published between 1987 and 2017. The search for sources documentaries occurred in the digital catalog of theses and dissertations of the Coordination of Improvement of Higher Level Personnel - CAPES and the selection criteria of theses and dissertations were the study of titles, abstracts and keywords. With these criteria, 14 theses and 140 dissertations were found in the programs in History and 132 theses and 370 dissertations, in the Programs in Education, forming a set of 656 academic texts on the teaching of history in Brazil. From the data, it is possible to observe that this is a topic more extensively linked to research in the area of Education and that there are at least six categories of analysis in which these studies have been developed in Brazil.

Keywords: History of History teaching, Post-graduation, Historical Research, State of Art.

Introdução

[...] mas quero destacar [...] o compromisso que os pesquisadores, em particulares os que se dedicam à educação, devem ter em relação ao objeto de suas investigações e, sobretudo, a coragem de ultrapassar as discriminações e os preconceitos impostos externamente sobre a escola, sobre os professores e alunos e suas práticas cotidianas. Circe Fernandes Bittencourt.

¹ Discente do programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina (PPGHS - UEL). Professor de História da Rede Pública do Estado de Mato Grosso do Sul. E-mail: dennishistoria@hotmail.com.

Neste texto, apresento reflexões iniciais sobre a História do ensino de História no Brasil (1987-2017) desenvolvidas como discente do Programa de Mestrado em História Social, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no Paraná-PR, sob a orientação do Prof. Dr. Ronaldo Cardoso Alves. Esta pesquisa está vinculada a linha de pesquisa História do Ensino de História, Narrativas, Memórias e Representações², coordenado pelo professor mencionado. Assim, a partir das discussões da disciplina “Teoria da História e Historiografia”, dialogo com as perspectivas teóricas da História Cultural para a problematização da História do ensino de História no Brasil.

O interesse pelo tema “História e ensino” teve início com meu ingresso, em 2004, no curso de Licenciatura em História, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), na cidade de Três Lagoas – MS (CPTL), período em que estudei as correntes teóricas da Ciências Humanas, da Ciência História e, principalmente, em que desenvolvi o meu interesse em tornar-me um Professor-Pesquisador.

Esse interesse intensificou-se a partir de 2005, quando cursei a disciplina “Pesquisa Histórica” no segundo ano do curso, e participei do projeto de extensão, intitulado “Organização e realização de projeto de pesquisa”, que foram ministradas pela Prof^a. Dr^a. Maria Celma Borges. No decurso deste período em que cursei essa disciplina e o projeto de extensão, comecei a problematizar o ensino de História em minha prática docente³, passei a pensar sobre o uso do livro didático na sala de aula, a sua recepção pelos estudantes da Educação Básica, e a criticá-lo a partir das novas perspectivas do ensino de História, em relação aos clássicos da historiografia, ao tratamento das fontes históricas e de todas as informações que recebia naquele momento de minha formação.

No decorrer do meu desenvolvimento acadêmico, iniciei meu trabalho como professor em instituições da rede pública e privada da cidade de Três Lagoas-MS no ano de 2004, em turmas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Esse período contribuiu muito para a formação da minha identidade de profissional na área da educação, pois ao longo de minha atuação profissional, tive a oportunidade de participar e coordenar alguns projetos pedagógicos, como “Feira do Conhecimento”, “Jogos de História”, “Olimpíada de História do Brasil”, organizada pela Universidade de

² A proposta desta linha de pesquisa é o desenvolvimento de pesquisas que tratem da História do Ensino de História, bem como das narrativas, memórias e representações de professores, estudantes, instituições escolares, dentre outros.

³ Atuo como professor de História da rede Estadual de Ensino na cidade de Três Lagoas, desde 2004.

Campinas-SP (UNICAMP), “Olimpíada de História do Município de Três Lagoas”, dentre outros.

Todavia, os “ecos” da sala de aula, sempre me incomodavam e preocupavam principalmente quando ouvi a seguinte pergunta. “Professor, é para copiar até que página?” Assim, entendi que precisava voltar a estudar para estar preparado e conseguir responder e/ou ajudar os estudantes a problematizarem o conhecimento histórico e suas carências de orientações temporais.

Foi neste ambiente de preocupação e reflexão que em 2010 fui convidado pela Prof^a. Dr^a. Maria Lima coordenadora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID em História da UFMS, campus de Três Lagoas-MS, para participar como supervisor do projeto na Escola Estadual Dom Aquino Corrêa. Participar desse projeto possibilitou-me também, a oportunidade de retomar algumas leituras da graduação como também o estudo de teóricos da História e seu ensino, História do ensino de leitura e escrita, História do livro didático, História do currículo escolar, cultura escolar e História do ensino de História. A partir dessas leituras compreendi e problematizei os conceitos de transposição didática, consciência histórica, avaliação, projeto de pesquisa, cultura escolar e instrumento de pesquisa.

O que me motivou para a pesquisa *sobre* a História e seu Ensino, e sempre tendo como horizonte o compromisso profissional destacado por Bittencourt (2014) na epígrafe deste texto, quando trata da contribuição de Alan Choppin para a história da escola e do livro didático na França,

[...] o compromisso que os pesquisadores, em particulares os que se dedicam à educação, devem ter em relação ao objeto de suas investigações e, sobretudo, a coragem de ultrapassar as discriminações e os preconceitos impostos externamente sobre a escola, sobre os professores e alunos e práticas escolares (BITTENCOURT, 2014, p. 58-59).

Em 2017, passei a residir na cidade de Naviraí-MS e a atuar na Coordenadoria Regional de Educação (CRE-08) do Estado de Mato Grosso do Sul, como professor formador na área de Ciências Humanas. Essa experiência corroborou com meu interesse e necessidade profissional em continuar estudando a temática abordada, fato que me direcionou a iniciar uma investigação do “estado da arte” *sobre* a História e seu ensino na pós-graduação brasileira.

A História do ensino de História: um percurso interdisciplinar

A partir das experiências que obtive em sala de aula na Educação Básica, no Ensino Superior e partir também de minha participação no PIBID - UFMS/CPTL, o meu interesse sobre a História e seu ensino ampliou significativamente, assim passei a ler textos fundadores dessa temática, dentre os quais destaco: Bittencourt (2009); Mortatti e Frade (2014); Rüsen (2007); Julia (2001); Laville (2005); Lee (2006), entre outros.

Uma das primeiras produções bibliográficas que estudei foi a de Circe Bittencourt (2009), intitulada *Ensino de história: fundamentos e métodos*. Esse livro foi uma janela para a minha formação docente, pois por meio dela consegui visualizar os múltiplos campos, repletos de complexidades, possibilidades e teorias, no qual a educação escolar e suas metodologias de ensino estão inseridos.

Outra contribuição que o texto de Bittencourt (2009) propiciou-me foi o contato com vários autores que versam sobre a História da Educação e suas várias vertentes, e também a forma com que a pesquisadora problematiza os conceitos de educação escolar e disciplinas escolares. No que se refere as disciplinas escolares, Bittencourt (2009) faz uso dos apontamentos de Chervel indicando que:

[...] o estudo das disciplinas escolares tem-se mostrado necessário para a compreensão do papel da escola na divisão de classes e na manutenção de privilégios de determinados setores da sociedade. André Chervel, o crítico mais contundente da concepção de “transposição didática”, sustenta que a disciplina escolar deve ser estudada historicamente contextualizando o papel exercido pela escola em cada momento histórico. Ao defender a disciplina escolar como entidade epistemológica relativamente autônoma, esse pesquisador considera as relações de poder intrínsecas à escola, inserindo o conhecimento por ela produzido no interior de uma *cultura escolar*”. (BITTENCOURT, 2009, p. 38).

A partir destes esclarecimentos compreendi a necessidade de situar a escola historicamente e seu papel na sociedade, isto porque o seu ensino e seus agentes estão envolvidos diretamente em um contexto, e conseqüentemente imbricados nesta cultura escolar, o que acaba refletindo nos currículos a serem ensinados e nas práticas docentes. Corroborando nesta discussão, Julia (2001) especifica que a cultura escolar é:

[...] como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser

analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Enfim, por cultura escolar é conveniente compreender também, quando isso é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares. (JULIA, 2001, p.10-11)

Tendo como referência essa direção conceitual, epistemológica e reflexiva acerca da cultura escolar, entendo que as pesquisas em História e seu ensino precisam problematizar as estruturas culturais, pois estas estruturas direcionam os currículos a serem ensinados e como também condicionam os caminhos das práticas pedagógicas. O entendimento dos aspectos acima, conduzem para a necessidade de entendimento destas práticas e normas que gestam o cotidiano da educação escolar, e que conseqüentemente interferem nas práticas pedagógicas dos docentes com um forte reflexo nas percepções dos estudantes sobre a disciplina de História.

Com relação aos estudos em torno da História, seu ensino e as assimilações dos jovens da Educação Básica, Lee (2006) indica alguns caminhos.

A pesquisa é necessária para que nos permita entender as ideias que estruturam as relações dos alunos com o passado e os tipos de passado que eles têm acesso. Simultaneamente devemos tentar desenvolver abordagens práticas que construam nosso conhecimento das ideias dos alunos e os tipos de passado aos quais têm acesso. Pesquisa e prática devem andar juntas com o desenvolvimento do currículo e com a contribuição dirigida por professores em estudos pilotos em pequena escala. (LEE, 2006, p.147).

Ainda segundo Lee (2006), para que essas abordagens práticas e pesquisas sejam exitosas é preciso que elas estejam calcadas em um conceito de *literacia* história, a qual Lee (2006) defini da seguinte forma:

[...] um conceito válido de literacia histórica poderia esboçar os diferentes elementos na educação histórica e executar as funções que esses substitutos parciais usurpam, mas – precisamente porque são parciais – não conseguem obter. Um conceito de literacia histórica oferece uma agenda de pesquisas que une o trabalho passado com novas indagações. É quase um truísmo que a dicotomia entre a educação histórica como compreensão disciplinar e como história substantiva seja falso. Um conceito de literacia histórica demanda ir além disso ao começar a pensar seriamente sobre o *tipo* de substância que a orientação necessita e o que as compreensões disciplinares devem sustentar naquela orientação (LEE, 2006, p. 148).

Munido da compreensão de cultura escolar e *literacia* histórica que são fundamentais para pensar e estudar a História e seu ensino, outros conceitos passam a ser imprescindíveis, como a leitura e escrita no espaço escolar.

Uma das obras que ajudou-me a compreender esses fatores foi o livro *História do ensino de leitura e escrita: métodos e material didático*, organizado por Morttati e Frade (2014), que contém vários artigos de especialistas em História do Ensino e da História da leitura, entre eles: Circe Fernandes Bittencourt; Roger Chartier; Mirian Jorge Warde; Elaine Peres; Norma Sandra de Almeida Ferreira; Maria Isabel dos Santos Bastos, Ana Chrystina Mignot, Maria Teresa Santos Cunha, Maria do Rosário Longo Mortatti, Cancionilia Janzkovski Cardoso, Estela Natalina Montovani Bertolotti, Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Marcia de Paula Gregório Razini, Kazumi Munakata.

A leitura desses textos possibilitou-me um contato com conceitos teóricos-metodológicos fundamentais para a organização da pesquisa sobre História e seu ensino, tais como: “instrumento de pesquisa” e “análise da configuração textual”.

Mediante a essas abordagens teórico-metodológicas desenvolvidas por Belloto (1979) e Mortatti (2000), e com o meu envolvimento cada vez maior com as atividades na Educação Básica e no Ensino Superior, compreendi a relevância e a contribuição que estudos do tipo “estado da arte”, podem oferecer para o campo de conhecimento da História e seu ensino, indicando “uma rede formada de diferentes elos ligados a partir do mesmo suporte material (teses e dissertações) [...], pela opção teórica manifesta, pelos tema que anuncia, pelos objetivo explicitado da pesquisa, pelo procedimento metodológico adotados pelo pesquisador”. (FERREIRA, 2002, p. 264)

A História do ensino de História: o “estado da arte” como caminho metodológico

Com base nas consultas realizadas em sítios de produção acadêmica, identifiquei um considerável conjunto de artigos, dissertações e teses, que versam sobre a História e seu ensino e cujos resultados são pouco explorados nesse campo de conhecimento no Brasil, o que justifica uma reflexão sobre o “estado da arte”, da temática em questão. Assim, por meio de um mapeamento em repositórios e banco de dados *on-line* de teses e dissertações, disponibilizados pelas Universidades, busco compreender a contribuição de um conjunto de referências de textos que abordam sobre

a História e seu Ensino no Brasil, produzidas após a Ditadura Civil Militar brasileira de (1964-1985)⁴.

A primeira produção acadêmica que localizei, até o momento, em programas de Pós-graduação em História Social, é a dissertação de mestrado da pesquisadora Circe Bittencourt com o título *Pátria, civilização e trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas (1917 – 1939)* e foi defendida no final da década de 1980, na Universidade de São Paulo – USP.

Na mesma década também localizei trabalhos que foram publicados nos programas de Educação. O primeiro é uma dissertação de mestrado de autoria de Luísa Ribeiro Pereira com o título, *Da memorização ao raciocínio histórico o ensino da História na escola de 1º Grau*, e defendida no ano de 1987, na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Considero esses primeiros trabalhos acadêmicos como fundadores de um novo objeto de pesquisa pós reabertura política, a partir do qual vêm se constituindo outros estudos que buscam compreender a História e seu ensino no Brasil, essas dissertações auxiliaram-me a justificar recorte temporal da proposta desta pesquisa: *A História do ensino de História no Brasil (1987-2017): um instrumento de pesquisa*, no qual um dos propósitos é o de colaborar para a produção de uma História do ensino de História no Brasil e subsidiar o desenvolvimento de investigações científicas correlatas.

Para a elaboração desta pesquisa utilizo os procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de dissertações e teses que discorrem *sobre* o ensino de História nos Programas de Pós-graduação em História e em Educação. Com base nessa busca, elaborarei um “instrumento de pesquisa”, no qual estão reunidas as referências de textos que tratam da História e seu ensino nas mais diversas perspectivas.

Para Belloto (1979, p. 133), os instrumentos de pesquisa são fundamentais no processo historiográfico, considerando como “a primeira providência” do método histórico, pois “[...] constituem-se em vias de acesso do historiador aos documentos, sendo a chave da utilização dos arquivos como fontes primárias da História”. É um tipo de pesquisa científica de abordagem histórica que busca compreender o

⁴ Existem produções acadêmicas sobre o ensino de história desde os anos 1930 como as de Johnatas Serrano, Emila Viotti da Costa, Miriam Moreira Leite, Guy de Hollanda, mas elas não são objetos de análise neste texto.

[...] fenômeno educativo em suas diferentes facetas. Para tanto, demanda a recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, como mediadoras na produção do objeto de investigação. [...] de produção de texto final (monografia, dissertações ou tese) em que se materializa discursivamente o objeto de investigação; e de constituição do sujeito desse discurso. (MORTATTI, 1999, p. 70-73).

Compreender um assunto ou um campo de conhecimento historicamente não é trabalho fácil, assim é preciso “[...] apreender e problematizar, por meio de ‘configurações textuais’ – as lidas e as produzidas pelo pesquisador -, na simultaneidade entre continuidade e descontinuidade de sentidos [...]” (MORTATTI, 1999, p.75). Isto porque, o ofício do pesquisador/historiador se caracteriza por procedimentos rigorosos como a linguagem e de um exame detalhado das fontes documentais, pois,

[é] preciso que ele consiga refletir sobre esses conhecimentos, estabelecer relações, categorizar, abstrair e articular coerentemente teoria e empiria, com atividade que lhe propicie ser sujeito de um discurso e seu sentido. (MORTATTI, 1999, p.72).

Desse ponto de vista, olho para as fontes como “configurações textuais⁵” que segundo Mortatti (2000), compreende

[...] o conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão.

A partir desta proposta teórica/metodológica o primeiro contato com as fontes desta pesquisa ocorreu por meio de uma consulta no repositório digital da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes⁶, em que inseri as palavras-chave “Ensino de História”, o que, naquele momento, gerou o resultado

⁵ Para maiores informações sobre o conceito de análise da configuração textual, ver Magnani (1997); Mortatti (2000).

⁶ Para esta pesquisa também consulte algumas bibliotecas digitais e banco de teses e dissertações das Universidades das Regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-oeste.

inicial de 1392 divididos da seguinte forma: 194 teses, 964 dissertações acadêmicas e 234 profissionais⁷.

Em face desse conjunto significativo de referências *sobre* a História e seu ensino, analisei e refleti sobre o número localizado, e, de imediato, algumas indagações surgiram. Qual o primeiro estudo que aborda o assunto? Quantos destes estudos tratam especificamente da História e seu ensino? Todos estão dentro do campo de conhecimento da história? Quais problemas são discutidos? Em quais categorias teóricas e metodológicas podem se enquadrar essas pesquisas? Quais outras áreas do conhecimento tem preocupação como a História e seu ensino?

A fim de delimitar e ter uma maior objetividade dos dados, em seguida, utilizei o filtro “área de concentração em História”, com o qual foram indicadas 29 teses e 287 dissertações acadêmicas e 177 dissertações do mestrado profissional⁸.

Visando um aprofundamento desta temática e para obter melhor compreensão dos dados coletados, procurei fazer o mesmo procedimento, no entanto com a utilização das palavra-chave “área de concentração em educação”, os resultados foram significativos apontando para 145 teses e 554 dissertações.

Diante do número de pesquisas produzidas em Programas de Educação percebi a possibilidade de se fazer outros questionamentos, tais como: “Os historiadores não se preocupam com a História e seu ensino?” “Quais caminhos teórico-metodológicos têm seguidos os historiadores que se propõem a estudar a História e seu ensino?” Quantas destas teses e dissertações são desenvolvidas por historiadores em Programas de Pós-graduação em História?”

A partir da utilização dos filtros “área de concentração História”, “área de concentração Educação” e das apreciações especificadas acima, de uma lista inicial de 1392 teses e dissertações acadêmicas e profissionais, passou a ser 1015⁹ trabalhos dos programas em História e em Educação.

⁷ Neste conjunto de dados não usei filtros específicos da área de interesse, por exemplo “ensino de história”, “didática da história”, “transposição didática”, “aprendizagem em história” e “educação histórica”.

⁸ As pesquisas elaboradas nos Programas de Mestrado Profissional em História e em Educação, não constituirão como fontes desta pesquisa, pois a delimitação desta dissertação é o estudo e à análise das produções dos programas acadêmicos, nas concentrações anteriormente mencionadas. Outro fator determinante que condicionou para a não utilização destas pesquisas é a “questão do tempo” para o tratamento das fontes e da elaboração do texto da dissertação. Isto porque, segundo mapeamento da Capes feito em 2016, a oferta de mestrado profissional triplicou nas Universidades brasileiras, o que tem gerado um número considerável de produções, assim considero que o estudo e análise das produções do mestrado profissional pode gerar relevantes dissertações e teses para a reflexão sobre a história e *seu* ensino.

⁹ Neste conjunto de produções não estão inseridas as dissertações produzidas nos mestrados profissionais.

Em seguida constatei a necessidade de filtrar novamente este conjunto de fontes, a partir de outras palavras-chave e que são recorrentes em pesquisas *sobre* a “história e seu ensino”. Assim, busquei fazer o mesmo procedimento, citado acima, com as palavras-chave: “consciência histórica”, com 165 indicações de trabalhos; “didática da história”, com 68; “transposição didática”, com 155; “aprendizagem em história”, com 19; e “educação histórica”, com 70. O resultado desta busca apresentou-me um novo grupo de 447 teses e dissertações, com estas duas coletas de fontes localizei uma seleção de 1462 trabalhos acadêmicos, que inicialmente indicavam estudos sobre a temática de interesse desta pesquisa.

O que possibilitou pensar e questionar sobre a possibilidade e a viabilidade de realizar uma pesquisa sobre o “estado da arte” da História e seu ensino nas Universidades do Brasil. Segundo a Profa. Dra. Norma Almeida Ferreira (2002), ao versar sobre estudos do “estado da arte”, há dois diferentes estágios nesse tipo de pesquisa para os quais o pesquisador precisa estar atento.

Em primeiro [...] pode visualizar, [...] uma narrativa da produção acadêmica que muitas vezes revela a história da implantação e amadurecimento da pós-graduação, de determinadas entidades e de alguns órgãos de fomentos de pesquisa. Nesse esforço de ordenação da uma certa produção de conhecimento também é possível perceber que as pesquisas crescem e se espessam; ampliam-se em saltos ou em movimentos contínuos; diversificam-se os locais de produção; em algum tempo ou lugar ao longo de um período. Um segundo momento, é aquele em que o pesquisador se pergunta sobre a possibilidade de inventariar essa produção imaginando tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando trabalhos entre si, na escrita de uma história de uma determinada área do conhecimento. (FERREIRA, 2002, p. 261-262).

A partir destas orientações concebi a possibilidade de construção de um conhecimento em relação a História e seu ensino e a possibilidade de problematização deste crescente conhecimento. Desta forma, logo após do mapeamento inicial das teses e dissertações que copilaram uma seleção de 1462 pesquisas, constatei que este conjunto de referências selecionadas apontavam para um elenco de textos que versaram sobre o ensino em suas diversas áreas de conhecimento, tais como: linguagens, ciências exatas, ciências da natureza e ciências humanas.

Seguindo as orientações da professora Norma Almeida Ferreira (2002) percebi a necessidade latente de traçar critérios para o tratamento dos dados. Posto isto, estabeleci três critérios para a ordenação das fontes, na qual a primeira perspectiva

análítica que me concentrei foram os títulos das 1462 teses e dissertações. O objetivo era o de buscar por palavras e temas relacionadas a História e seu Ensino, tais como: conhecimento histórico; livro didático; formação de professores; concepção de temporalidade; história do currículo de história; metodologia de ensino em história; história do ensino de história; representações de docentes e discentes sobre o ensino de história e identidade do professor.

Para Norma Almeida Ferreira (2002, p. 262), “[...] a organização do material que tem diante de si pressupõe antes de tudo uma leitura que ele deve fazer não só das indicações bibliográficas e dos títulos dos trabalhos, mas principalmente dos resumos”. Corroborando nesta discussão, Chartier (1990) aponta questões fundamentais em relação a História da Leitura no qual indica que existem processos de leitura como a produção, circulação e apropriação dos materiais escritos. Desta maneira, então, o resumo pode ser entendido como um suporte de apropriação da materialidade do texto e constituído como um protocolo de leitura.

Com estas informações, o outro procedimento foi a leitura e o estudo dos resumos, pois, a partir desta leitura cheguei às informações centrais das teses e dissertações, e consegui compreender com nitidez as perspectivas teóricas e metodológicas, e também caracterizar as tipologias científicas das propostas das pesquisas, tais como: qualitativa, quantitativa, de campo ou teórica.

O terceiro e último critério foi o estudo das palavras-chave, pois estas informações representam uma via de acesso vantajosa aos trabalhos científicos, pois mediante ao elenco destas palavras foi possível confirmar informações dos resumos. Com a aplicação destes passos consegui selecionar, mensurar e categorizar as fontes.

Com os processos de análise e mapeamento estabelecidos, o montante de 1462 passou a ser o de 656 textos acadêmicos, dispostos da seguinte forma: 14 teses e 140 dissertações nos Programas em História, enquanto que nos Programas em Educação a produção é consideravelmente maior, sendo 132 teses e 370 dissertações de diferentes Universidades brasileiras. A partir dos dados é possível observar que este é um tema mais amplamente vinculado às pesquisas na área de Educação e que há pelo menos seis categorias de análise em que esses estudos vêm sendo desenvolvidos no Brasil.

História do ensino de História: caminhos teóricos

Para a investigação das produções acadêmicas sobre a História e seu ensino optei por uma abordagem teórica-metodológica baseada nas contribuições da

História Cultural, pautando-me, especialmente, em: Benjamim (1994); Le Goff (2003); Chartier (1990, 2011); Revel (2009) e Boto (1994).

Para Boto (1994) as produções historiográficas do pesquisador “[...] situa-se na confluência entre o tempo do objeto investigado e o tempo do sujeito investigador [...]” assim o pesquisador não pode perder de vista que suas hipóteses são sempre “indícios” e “conjecturas” de um passado que não o pertence. (1994, p. 30).

Ainda sobre o objeto histórico, Benjamim (1994, p. 224) também adverte que não é possível ter acesso ao passado “[...] como ele de fato foi [...]”, de modo que é preciso ter clareza sobre a provisoriedade dos fatos históricos.

A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. [...] Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. (BENJAMIM, 1994, p. 224-225)

Uma maneira pela qual podemos vislumbrar esse passado, segundo Chartier (2011, p. 29), é pela análise de documentos e dos vestígios do passado, em que provar a existência do passado somente é possível mediante a ação conjunta entre “[...] escrita, explicação compreensiva e prova documental”.

De acordo com esse ponto de vista, utilizo o termo documento, como apontou Le Goff (2003).

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa [...]. O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser primeiro analisados, desmistificando-lhes o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntário ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer papel de ingênuo. (LE GOFF, 2003, p. 535-538).

Da mesma forma, Chartier (1990) entende a relação entre o pesquisador e os documentos escolhidos como fonte da pesquisa como uma relação complexa, pois exige um esforço do pesquisador em não vê-lo como “a verdade”, mas como representações sociais elaboradas por sujeitos de uma época determinada.

Posto isso, utilizarei os direcionamentos da História Cultural tendo como base a compreensão de que Chartier (1990) faz dela quando diz que a História Cultural “[...] tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. (CHARTIER, 1990, p. 16-17).

Essa proposta, tal como é aqui entendida, aponta para a multiplicidade das fontes, mas também para a compreensão sobre “[...] os grupos que as forjam [...]”, pois “[...] não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros [...]”. (CHARTIER, 1990, p. 17). Por isso, segundo Revel (1998, p. 27), estudar o passado é também pensar a cultura que “[...] parece ter se tornado hoje a chave de leitura privilegiada dos historiadores.”

O estudo do passado baseia-se no conjunto de aspectos que, inter-relacionados, constituem o sentido de um texto. Esse conjunto “[...] propicia ao investigador: reconhecer e interrogar determinado texto como configuração textual ‘saturados de agora’ e [...] dele produzir uma leitura possível e autorizada, a partir de seus objetivos, necessidades e interesses”. (MORTATTI, 2000, p. 31).

A partir das concepções do capital intelectual da História Cultural e da análise da configuração textual (MORTATTI, 2000) procuro as incidências sobre os diferentes aspectos constitutivos do sentido desses documentos (teses e dissertações), tais como: instituições responsáveis por sua elaboração e publicação; forma e conteúdo neles expressos; os objetivos e necessidades a que respondiam; momento histórico e lugar social em que foram produzidos.

Considerações parciais

A proposta deste texto foi a de apresentar alguns aspectos e impressões iniciais da pesquisa de mestrado que realizo em História Social, vinculada a Universidade Estadual de Londrina/Paraná – UEL. Para realização desta pesquisa lanço mão do campo de conhecimento da História Cultural e dos procedimentos metodológicos caracterizados por instrumento de pesquisa (BELLOTTO, 1979, 1991),

configuração textual (MORTATTI, 1999a, 2000) e pesquisa bibliográfica específica sobre a temática. Os resultados obtidos até o momento indicam algumas possibilidades de análise e perguntas que precisam ser ainda tratadas no decorrer da pesquisa.

Localizei as primeiras produções acadêmicas sobre a História e seu ensino datadas do final da década de 1980, momento composto por agitações políticas e sociais em virtude da reabertura política, logo após o fim da Ditadura Civil Militar, instalada em 1964. Assim, com a emergência do estado constitucional, as reflexões sobre o Ensino de História tornaram-se iminentes e conduziram à construção de novas propostas curriculares e à desvinculação da disciplina “História” dos “Estudos Sociais” (NADAI, 1993). Mediante a este contexto histórico algumas perguntas passam a ser fundamentais, tais como: Qual o reflexo deste momento nas produções das dissertações e teses?

Neste contexto histórico de reabertura política é que foram produzidas três dissertações entre 1987 e 1990, e uma tese de doutoramento, de 1991. Nos anos seguintes percebi de forma gradiente o amadurecimento e a consolidação das pesquisas em História e seu ensino na pós-graduação brasileira e tendo seu apogeu nos últimos sete anos, de 2010 a 2017.

Com os critérios estabelecidos fiz o tratamento das fontes chegando a 656 teses e dissertações, ordenadas cronologicamente, por instituições e regiões em que foram produzidas. Os dados apontam a região norte com 1% do total de publicações, o centro-oeste com 4%, o nordeste com 15%, o sul com 34% e o sudeste com 46% das produções acadêmica sobre a História e *seu* ensino no Brasil.

Outra informação relevante é a quantidade das produções entre os Programas de Pós-Graduação em Educação e os Programas em História, a disposição das produções acadêmicas estão divididas da seguinte forma: 132 teses, 370 dissertações; 14 teses e 140 dissertações, respectivamente.

Ao observar este aspecto, uma pergunta passa a ser de extrema relevância: “Os historiadores não se preocupam com ensino de sua ciência?” Ao avançar na pesquisa espero conseguir indícios que me permitam responder a este questionamento e também a outras indagações que a pesquisa venha apresentar, tendo em vista as multiplicidades de perspectivas e caminhos que a pesquisa pode conduzir, assim, nas palavras de George Duby (1993), “a História continua”.